

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## SUJEITOS FEMININOS: refundando seus marcos teórico a partir das intelectuais do Oriente Médio Islâmico e Africanas

Cleiane Pereira Souza dos Santos<sup>1</sup>

Cleia Priscila de Souza Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo busca apontar uma compreensão outra sobre a diversidade das experiências e sociabilidades de mulheres em contextos culturais, históricos, políticos e sociais que não se deram necessariamente pelo binômio dominador e dominado como ocorreu nas civilizações ocidentais, este último que inextricavelmente tentou generalizar os sujeitos femininos como vítimas e subalternas da tradição patriarcal. Para isso, tomaremos a revisão bibliográfica dos engajamentos teóricos de intelectuais africanas e do Oriente Médio Islâmico para refletirmos as mais variadas posicionalidades sociais onde estes sujeitos se inscrevem como um campo infinito de possibilidades e nunca apagamentos.

**Palavras-chave:** Sujeitos Femininos. Posicionalidades. Intelectuais Africanas e do Oriente Médio Islâmico.

### ABSTRACT

The article seeks to point out another understanding about the diversity of women's experiences and sociabilities in cultural, historical, political and social contexts that did not necessarily occur through the dominator and dominated binomial as it happened in western civilizations, the latter which inextricably tried to generalize female subjects as victims and subordinates of the patriarchal tradition. For this, we will take the bibliographical review of the theoretical hooks of African and Islamic Middle Eastern intellectuals to reflect the most varied social positions where these subjects are inscribed as an infinite field of possibilities and never erasures.

**Keywords:** Female Subjects. Positionalities. African and Islamic Middle Eastern Intellectuals.

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar a categoria “mulher” nas sociedades ocidentais automaticamente nos direciona aos estudos sobre o conceito de gênero produzidos pelas cânones

<sup>1</sup> Universidade Federal do Piauí - UFPI; Mestranda em Sociologia; cleianeepszsantos@gmail.com

<sup>2</sup> UFPI; Graduanda em História; cleiapriscilasantos@gmail.com

PROMOÇÃO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



feministas europeus e norte-americanas que se debruçaram a revelar que a história do sujeito feminino é marcado por um sistema de dominação/exploração. Dispostas a combater a inferioridade social da mulher, estas feministas se apoiaram em modelos teóricos universalistas, deixando às margens outras realidades em diferentes localizações geográficas.

Logo não se busca endossar o rivalismo acadêmico ou eliminar o que já foi brilhantemente produzido sobre o conceito de gênero, mas sim somar teorias para uma maior abordagem e densidade sobre o tema através de outros contextos históricos, sociais e culturais, cujas sociedades não tiveram o gênero como organizador de suas sociabilidades e a mulher gozava de poder e autonomia em paridade com o homem( OYĚWÙMÍ,2020,LUGONES,2020).

Assim, nosso principal objetivo visa repensarmos os sujeitos femininos fora do tropo de uma análise dotada de unidade, generalização e homogeneização apregoadas pelas tradições teóricas feministas ocidentalizadas que estruturalmente tentou fixar a inevitabilidade das experiências sociais das mulheres no mundo como vítimas, submissas e historicamente exploradas. Nesta perspectiva, utilizaremos a revisão bibliográfica concatenado com as filiações teóricas de intelectuais africanas - Oyèrónkẹ Oyěwùmí e Bibi Bakare-Yusuf - e estudiosas do Oriente Médio Islâmico - Asma Barlas, Lila Abu-Lughod e Saba Mahmood, atentando para a complexidade e diversidade dos sujeitos femininos frente às normas sociais e a produção de modos de ser e estar no mundo.

## 2 GÊNERO E A DIFERENÇA NA EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO FEMINISTA

Olhando para trás, com a intenção de desnudar e compreender o percurso histórico, político e social das disputas em torno da categoria gênero e das lutas de mulheres pela liberdade, autonomia e emancipação, a profícua produção acadêmica tem apontado as possíveis raízes das opressões femininas, tendo no patriarcado a força motriz que historicamente subjugou este segmento. Desta forma a hegemonia

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



e a autoridade dos discursos masculinos congregou esforços para inculcar que a dominação masculina era universal e natural, em colunio com as acepções religiosas estas últimas que se empenharam a disseminar que se Deus concebeu à mulher uma função biológica diferente da do homem, isso acarretaria a ela diferentes tarefas sociais(LENER,2019).

Foram essas formulações “tradicionalistas” que, segundo Gerda Lener aprofundaram a inferiorização e a dominação das mulheres pelos homens. Ancorado nesta ordem, atribuiu-se a defesa da maternidade “como a maior meta de vida das mulheres, caracterizando como desviantes as mulheres que não se tornam mães”. Tendo, portanto, a afirmação do pressuposto subjacente da “assimetria sexual” pelos tradicionalistas como consubstanciador da submissão feminina estar alocada nos fatores biológicos(LENER,2019,p.43).

Foi no bojo dessas disseminações marcada pelo binômio de hierarquizações sociais instituindo a superioridade aos homens e a inferioridade às mulheres que ensejou por parte deste último grupo a luta pela transformação radical das estruturas sociais que até então foram arregimentadas exclusivamente pela supremacia masculina. Nesse processo começaram a eclodir manifestações lideradas por mulheres, ao ponto dessas mobilizações se solidificarem como o lugar primaz da reunião e da insurgência deste segmento discriminado dentro do decurso sócio-histórico ocidental.

Adiante, surgiram em meados do século XIX até o início do século XX, os movimentos feministas na França, Reino Unido, Canadá e Estados Unidos, – apontado como “primeira onda” - momento em que o grupo firmou-se como uma corrente política e social, notabilizando a luta pelo direito ao voto com a sua principal agenda.(LINS,MACHAD,ESCOURA,2016).Ao perceberem o desprezo com que os homens brancos tratavam suas reivindicações, mulheres brancas e burguesas se aproximaram do movimento antiescravagista, onde lhes fora dada a oportunidade de desenvolverem suas potencialidades para além dos muros domésticos, onde aprenderam a confrontar a autoridade masculina(DAVIS,2106).

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Essa união de mulheres de classe média e alta ao movimento antiescravagista lhes rendeu apoio de homens e mulheres negros ao direito das mulheres e elas fizeram isso apontando metaforicamente que a reclusão do trabalho doméstico era igual à escravidão, o que acabou favorecendo na disseminação da narrativa de “opressão comum”, visto que o real impacto desta alegação era que as “liberacionistas brancas” buscavam ter acesso às conquistas do status econômico e o poder financeiro dos seus pares, homens brancos e ricos (hooks, 2020, p.230 e 235; DAVIS, 2016).

Ao passo que o movimento feminista vai ganhando mais solidez epistemológicas e filosóficas, o discurso da igualdade de direitos enquanto raiz propositiva inicial do movimento arrefece devido a fecunda produção teórica de feministas nos espaços acadêmicos entre os anos 1960 e 1980, caracterizando-se como a “segunda onda” do feminismo (PIERUCCI, 1999). Nesse âmbito, conforme Miriam Grossi (2010) passa a ganhar relevância dentro dos Estudos de Gênero questionamentos em torno da determinação biológica da condição feminina, colocando em xeque as perspectivas tradicionalistas masculinistas que confinavam a inferioridade feminina em um determinismo biologizante.

Inobstante aos outros exemplares, podemos considerar que devido a amplitude e profundidade da produção teórica da antropóloga Rubin Gayle (1993) ao cunhar o termo “sistema sexo/gênero”, sua obra é considerada por muitas feministas como fraturadora das ideologias supremacistas masculinas sobre a inferioridade feminina na sociedade ocidental. De maneira geral a autora atesta que os sistemas de parentescos analisados por Levi-Strauss galvanizou a opressão feminina através da troca de mulheres entre homens. Neste sentido só quem poderia “dar” as mulheres eram os homens, haja vista que a mulher não tinha o direito sobre si. Isto posto, para Gayle a opressão das mulheres está localizado na arena social, sendo assim denominado de sistema sexo/gênero.

Outra teórica que ofereceu um arcabouço analítico salutar no que diz respeito ao desmantelamento das acepções biologizante para a crença generalizada da

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



inferioridade feminina foi Sherry Ortner(1979).Em seu artigo a autora busca apontar a lógica que sustentou o discurso que propagou a subalternização feminina. Para ela a universalização da subordinação da mulher tem suas raízes nos sistemas de valores culturais definidos em cada sociedade que instauram a superioridade/inferioridade de homens e mulheres. Segundo a mesma, é na classificação da mulher com a natureza que se erigiu sua desvalorização, uma vez que o papel da cultura é submeter e transformar a natureza. Essa afinidade da mulher com a natureza estaria inscrito no parto e na amamentação entre mãe e filho, sendo compreendido como algo natural e na sua associação ao lócus doméstico dentro da distinção entre público/privado. Também para a autora o reforço dessa inferioridade é reafirmado pelas próprias vítimas(mulheres), como destaca: “Ela aceita sua própria desvalorização e endossa o ponto de vista da cultura”(ORTNER, 1979,p.106).

Podemos tirar desse pequeno fragmento que os feminismos de primeira e segunda onda lançaram uma incessante demanda de totalidade: a mulher- vítima e a mulher- universal. Nesse ínterim, a década de 1990 é demarcada por rupturas epistemológicas com a abordagem da diferença de gênero engendrada num desejo de unidade sobre a “mulher”, por meio da defesa da existência de diferenças coletivas significativas entre as mulheres(PIERUCCI,1999).De acordo com Claudia Costa(2002,p.71,87 e 88),esse sujeito totalizador como fora compreendido a mulher, sofreu duras críticas por entender que a lógica essencialista disseminada pela prática feminista na construção de uma identidade de gênero fixa, obliterava a compreensão da mulher enquanto “uma categoria histórica e heterogeneamente construída dentro de uma ampla gama de práticas e discursos”, voltando o olhar para outra latitude: “a localização dos sujeitos”, este que é sempre múltiplo, “fruto do resultado de vários processos de estranhamentos”, chamando nossa atenção para o poder e o reconhecimento social desfrutado por mulheres em outras culturas(GROSSI,2010).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Importante sinalizar que foram as mulheres negras as pioneiras a apontar as desatenções dos feminismos de mulheres brancas para as experiências sociais de mulheres não-brancas, em que as racialmente hegemônicas transformaram a palavra “mulher” em sinônimo de “mulher branca”(hooks,2020,p.222).Nesta órbita, Sojourner Truth foi quem ajustou o foco de sua luta para denunciar as condições históricas degradantes do status social das mulheres negras escravizadas, ao erguer a voz na segunda convenção anual do movimento pelos direitos das mulheres, em Akron, Ohio, em 1852(hooks,2020).

Embora mulheres brancas tenham tentado impedir que a abolicionista negra subisse ao púlpito, mulheres de ascendência africana foram solidárias às lutas e as causas da libertação feminina pois ensejavam serem livres não somente da opressão racista, mas da dominação sexista(DAVIS,2016).Com galhardia, Sojourner enfrentou sozinha os insultos disruptivos de homens brancos ricos que estavam na plateia apontando que por mulheres serem biologicamente “fracas” e “frágeis”, elas não mereciam obter o exercício do voto(DAVIS,2016).Munida de uma oratória irrefutável, Truth destacou que ninguém nunca lhe ajudou a pular poças de lamas ou a subir em carruagens, arou terra, encheu celeiros sem que nenhum homem pudesse se igualar a ela, aguentou os açoitamentos e trabalhou tanto quanto um homem, pariu treze crianças e viu a maioria ser comercializada como escravas e ninguém nunca ouviu seu sofrimento de mãe. “Não sou eu uma mulher?”(PINHO,2014).

Além de silenciar toda plateia com sua sagacidade analítica, a ex-escravizada destronou os argumentos masculinos presos a ditames biológicos inscritos no corpo que impuseram a opressão feminina, como também repercutiu questionamentos sobre a homogeneização das experiências das mulheres exclusivamente sob o tropo da dominação pelo sistema patriarcal, o não escamoteando da dimensão racial enquanto elemento de recrudescimento das desvantagens históricas para as mulheres negras.

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Paralelamente a essa perspectiva vocalizada por mulheres negras, Joan Scott(1995,p.86) conceitua o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e que o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Essa possibilidade de análise empreendida pela intelectual chama nossa compreensão para esta categoria não como algo fixo que historicamente definiu normativas de feminilidade, mas, principalmente, que dele decorre relações de poder e relações políticas em diferentes sociedades e períodos, dentro de uma miríade de agenciamentos do sujeito feminino enquanto protagonista e agente de construção da sua própria identidade.

Essa prerrogativa capitaneada pelos feminismos ocidentais que atribuiu inextricavelmente diferenças sexuais a dominação, colocando o sujeito feminino como a-histórico, reduzindo mulheres nas interações sociais a indivíduos fadados a introjetar normas foi um campo fecundo para que mulheres de outras partes do mundo(Oriente Médio e África)contestasse o gênero enquanto organizador das relações humanas em outros contextos históricos e culturais.

### 3 AS POSSIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS OUTRAS TECIDAS POR MULHERES DO MÉDIO ORIENTE ISLÂMICO E ÁFRICA

Devido às compreensões hegemônicas no bojo dos estudos de gênero tomando como base indubitavelmente as realidades ocidentais a partir do embricamento das sociabilidades entre homens e mulheres pelo binarismo da dominação/subordinação, proporcionou-se um profícuo deslocamento teórico que enriqueceu e complexificou a interação desses sujeitos. Curiosamente a despeito dessa perspectiva, Butler(2003) demonstrou que o elemento pré-discursivo reduziu e fixou o gênero a uma construção cultural marcado por uma hegemonia reguladora que encerra a categoria “mulher” como vítimas fruto de um patriarcado universal. Essa base política da universalidade dos feminismos que aprisionou as mulheres

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



dentro de uma experiência comum de subjugação é duramente criticada por esta autora que, por seu turno, invoca o elemento da performatividade, por entender que é nesse jogo do fazer constante que nos entendemos como sujeitos e onde temos condições de nos distanciar do que fazemos perfilados por um processo relacional em que o sujeito é sempre sujeito de poder, marcado por uma capacidade subversiva à hegemonia masculina e ao poder heterossexista.

Esse jogo performativo é facilmente encontrado na produção de Asma Barlas(2012),pela atuação de mulheres muçulmanas dentro de tradições religiosas patriarcais como o Islamismo. Em recente estudo, Barlas enfoca que essa cartilha impositiva de igualdade de gênero e de direitos humanos que a teoria feminista ocidental delineou como forma de desenvolvimento e progresso, como o único caminho possível de se alcançar a tão sonhada liberdade europeia, não leva em conta as especificidades das sociedades muçulmanas. Decorrente deste ponto, Barlas(2012,p.210)assinala que o Alcorão não outorga que o homem é ontologicamente superior à mulher ou que lhe é conferido o direito de consignar sua submissão, mas que são os homens quem “distorcem e pervertem os mandamentos do Alcorão” para professar modelos de relações hierárquicas e de desigualdade sexual, apontando que a presença no islamismo é de suma importância para o refutamento das instituições patriarcais, demonstrando como o Alcorão proporciona às mulheres rejeitar a usurpação do texto corânico pelos patriarcas, permitindo essas mulheres vivenciar a força libertadora que o sagrado proporciona.

Essa mesma qualidade analítica pode ser facilmente encontrada no artigo, *As Mulheres Muçumanas precisam realmente de salvação? reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros*, da antropóloga palestino-americana Lila Abu-Lughod. Nele a autora chama nossa atenção para essa perspectiva evangelizadora que se erigiu sobre a subjugação de mulheres muçumanas, eliminando as diferenças entre as mulheres do mundo. Por meio do pressuposto de “salvar os outros” que, nada mais é do que um discurso colonial demarcado pelo ideal de igualdade, liberdade e direitos tão prementes das sociedades de

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



capitalismo avançado, numa pura demonstração de que tais discursos revelam-se como “os campos minados dessa obsessão com o sofrimento das mulheres muçulmanas”(ABU-LUGHOD,2012,p.2).

Esse mesmo incomôdo pode ser percebido na maneira como Saba Mahmood(2019) nos mostra aproxima em seu ensaio sobre os Movimentos Pietistas do Cairo, a partir do movimento feminino das mesquitas, este último que engloba um grupo de mulheres dos mais variados estratos socioeconômicos, onde elas ensinam umas as outras as escrituras islâmicas e permiti às mulheres o acesso a materiais acadêmicos e raciocínios teológicos, antes de acesso restrito aos homens instruídos. Neste ensaio a intelectual busca refletir a relação espinhosa entre o feminismo e as tradições religiosas, sobretudo as direcionadas ao Islão. E ela acredita que isso tenha fundamento devido a “relação historicamente litigiosa que o Islão desenvolveu com o que se veio a denominar de “Ocidente” “(MAHMOOD, 2019,p.137).

Acrescenta-se a essa reflexão, a contribuição teórica de Bibi Bakare-Yusuf(2003)para o entendimento da mulher enquanto um ator social que confronta posições de poder e identidades atribuídas, rompendo com a perene mentalidade que o patriarcado é um sistema dado inalterável, pelo contrário, a todo momento ele está sendo questionado e contestado, para além de uma compreensão que fixou as relações humanas, inevitavelmente, como relações poder tirânicas. A produção intelectual de africanos atestam que a organização da vida neste continente antes da violência colonial tinha como base o sistema de “sexo dual”, cuja as atividades desempenhadas por homens e mulheres eram complementares, isto é, o poder era distribuído igualmente entre os sexos(BAKARE-YUSUF,2003).

Isto posto, para uma melhor compreensão, podemos citar a perspectiva desenvolvida pela socióloga nigeriana Oyèrónkẹ(2021), ao mostrar que devido à realidade das sociedades iorubanas pré-coloniais não tomarem o corpo em sua distinção biológica como estruturador das organizações sociais nestes territórios, isto é, enquanto o ocidente privilegia a “cosmovisão” que está inscrita no privilégio

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



visual do corpo ao estabelecer hierarquias de dominação( como por exemplo, o monopólio do pênis pelo homem que destituiu as mulheres enquanto sujeitos de direitos), os povos iorubas tem como primazia a “cosmopercepção” por compreenderem que são os sentidos que guiam os grupos destas sociedades que foi codificado dentro da classificação desses indivíduos por meio da “senioridade”, ou seja, pelo sentido de quem é mais velho e mais novo(idade)na organização societal deste povo. A intelectual nigeriana explica que a classificação dos corpos humanos realizado pelo sistema sexo/gênero nas sociedades ocidentais, era baseada em um determinismo “bio-lógico” que, ao capturar o corpo pela visão gerou o entendimento de que “o olhar é um convite para diferenciar”, uma diferença que demarcou a subordinação do “outro”, inscrevendo o corpo como lócus da diferença e que a todo custo deveria ser dominado/domesticado( OYĒWÙMÍ,2021,p. 16, 20 e 29).

É inegável a forma como o gênero foi desenvolvido pelas teóricas ocidentais que muito foi contributivo para uma compreensão mais encadeada e sólida que rompeu com as formulações masculinas que naturalizaram as distribuições sociais presos ao determinismo biológico que aprofundou a inferioridade de um grupo seletivo de mulheres, provocando questionamentos e críticas daquelas que estavam à margem da sociedade, chamando a atenção para as opressões interseccionais de raça, classe e gênero nos atravessamentos de suas vidas. Nossa preocupação neste artigo foi acompanhar, ao nível teórico e propor um (re)pensar sobre o lugar social da mulher partindo de outras localizações geográficas para um mergulho nesses sujeitos enquanto um devir histórico que não cabem em generalizações simplistas.

## 4 CONCLUSÃO

Perscrutar todo esse arcabouço teórico e epistemológico nos surpreende e nos sacode para a compreensão de outras formas de ser e estar no mundo que não

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



passaram pelo predomínio do gênero em suas bases fundacionais, acenando para a diversidade da riqueza das relações humanas enquanto caminho possível para repensarmos o convívio social entre homens e mulheres mais equânimes e respeitoso e, para que as futuras gerações possam experimentar uma cultura de paz e diálogo com as diferenças não como algo distante ou utópico, mas como algo rico e potente de valorização da vida.

## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 451-470, maio-agosto/2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200006>. Acesso em: 03 fev. 2022

MAHMOOD, Saba. “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito”. **Etnográfica**. v. 23, n. 1, 2019, p. 121-158. Disponível em Acesso em: 2 jan. 2022

BAKARE-YUSUF, Bibi. **Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana**. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence. *Feminist Africa*, Issue 2, 2003, por Aline Matos da Rocha e Emival Ramos. Disponível em [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/bibi\\_bakare-yusuf\\_-\\_al%C3%A9m\\_do\\_determinismo.\\_a\\_fenomenologia\\_da\\_exist%C3%Aancia\\_feminin\\_a\\_africana.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/bibi_bakare-yusuf_-_al%C3%A9m_do_determinismo._a_fenomenologia_da_exist%C3%Aancia_feminin_a_africana.pdf) Acesso em: 11 setem. 2022

BARLAS, Asma. Globalização da igualdade: a mulher muçulmana, teologia e feminismos. **Revista Meritum** – Belo Horizonte – v. 7 – n. 1 – p. 201-228 – jan./jun. 2012 .Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/270198846.pdf>> Acesso em: 14 agos. 2022

BUTLER. J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, n. 19, 2002, pp.59-90.

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

GROSSI, Miriam P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010). Disponível em: [http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935\\_identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_genero_revisado.pdf)

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**; tradução Bhuvi Libanio. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019

Instituto da Mulher Negra – GELEDÉS. **E não sou uma Mulher?**. Tradução de Osmundo Pinho. 2014. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> Acesso em: 25 ago. 2022

LENER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

LINS, Beatriz Accioly, MACHAD, Bernardo Fonseca, ESCOURA, Michele. Gênero e o movimento pelos direitos das mulheres (capítulo 2) e Mulheres e seus direitos (capítulo 3). **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016

LUGONES, María. Colonialidade de Gênero. BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa(org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Riode Haneiro: Bazar do Tempo, 2020

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michele Zimbalist e LAMPHERE, Louise. (org.). **A Mulher, a Cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95 - 120. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19074/3/ORTNER%2c%20SherryEst%2c%20a1%20a%20mulher-para-o-homem-assim-como-a-natureza-para-a-cultura.pdf> Acesso em: 21 ago. 2022

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

PIERUCCI, Antonio Flavio. “A diferença faz diferença, ou a produtividade social da diferença”. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999. Cap.5

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Recife: SOS Corpo, 1993

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%A0AneroJoan%20Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%A0AneroJoan%20Scott.pdf) Acesso em: 23 agos. 2022

## PROMOÇÃO



## APOIO

